

## **Sobre o aumento de preços do petróleo e as variáveis fiscais**

---

A variação do barril do petróleo ajudará a manter os bons números do fiscal, por outro lado, representará maior custo para a Indústria e Agropecuária e mais inflação.

## **Conflito na Ucrânia derruba confiança da indústria gaúcha**

---

## **Emprego e intenção de investir em alta na indústria gaúcha**

---

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731

**UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS**

[www.fiergs.org.br/indicadores-e-estudos-economicos](http://www.fiergs.org.br/indicadores-e-estudos-economicos)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Sobre o aumento de preços do petróleo e as variáveis fiscais

A variação do barril do petróleo ajudará a manter os bons números do fiscal, por outro lado, representará maior custo para a Indústria e Agropecuária e mais inflação.

Com o advento da pandemia de COVID-19, vimos desequilíbrios no fornecimento de petróleo do mundo se manifestar, consequência do forte crescimento da demanda, com aumento de 6% do PIB mundial, e que não foi acompanhada pelo aumento de oferta. O resultado disso foi à queda acentuada nos estoques de petróleo global: os EUA (vide gráfico ao lado) e a OCDE passaram a operar com os seus menores níveis dos últimos cinco anos. Dessa maneira, a eclosão do conflito entre a Rússia e Ucrânia veio somente para exacerbar um problema do qual já vínhamos enfrentado desde meados de 2020: o aumento do preço do petróleo.

O aumento do preço dessa *commodity*, que chegou a US\$ 96,84 no dia anterior ao início do conflito do Leste Europeu, trouxe bons números para as contas públicas brasileiras. Pelo lado das receitas federais, as relacionadas com exploração de recursos naturais (dos quais 85% são referentes aos royalties de petróleo), atingiram recorde histórico em jan/2022, com participação de 6,3% da receita líquida total e montante de R\$ 107,4 bilhões, valor 38,3% superior (em termos reais) ao período pré-pandemia (fev/2020) e 74,6% em relação à jan/2021.

As receitas de Dividendos da Petrobrás saltaram para R\$ 21,7 bilhões, sendo que em 2020 esse valor era de apenas R\$ 1,9 bilhão. Além disso, ao somarmos os valores arrecadados pela Receita Federal com a extração de Petróleo e gás natural e com a Fabricação de coque, derivados do petróleo e biocombustíveis, chegamos a incríveis R\$ 68,6 bilhões no acumulado em 12 meses até jan/2022, valor esse 98,1% maior, em termos reais, do que no mesmo período do ano passado.

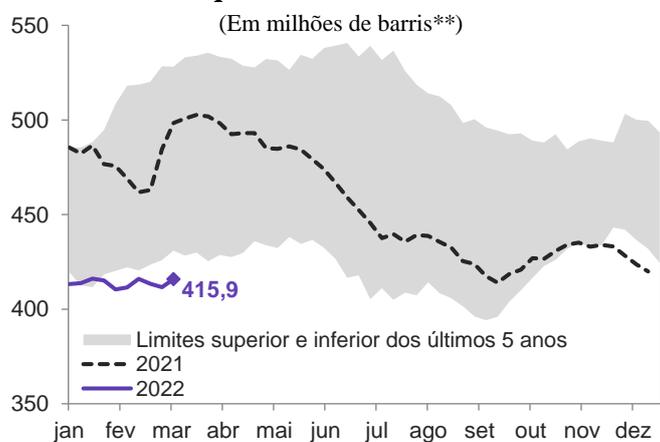
Os governos regionais também se beneficiaram do aumento, a arrecadação de ICMS relativa ao Petróleo, que historicamente representa mais de 20% do total do imposto, aumentou 26,3% em 2021, chegando a R\$ 111,8 bilhões. Em solo gaúcho, esse valor chegou a R\$ 7,2 bilhões, 12,7% de crescimento real em relação a 2020 (a receita advinda do petróleo representa mais de 25% da arrecadação de ICMS do Estado). Portanto, não é errado dizer que o extraordinário superávit primário de R\$ 97,7 bilhões das contas regionais em 2021, teve como elemento chave o aumento de preços do petróleo.

Para 2022, os bons números da arrecadação devem permanecer. Tanto é verdade, que depois do início do conflito no Leste Europeu, quando o barril de Petróleo do tipo Brent chegou a R\$ 139,13, o governo divulgou a primeira revisão orçamentária de 2022. A previsão, que antes era de déficit primário do governo central de

76,2 bilhões, caiu para R\$ 66,9 bi. Sendo destaque as receitas de Exploração de Recursos Naturais que tiveram acréscimos em suas estimativas de R\$ 38,6 bilhões (saindo de R\$ 95,9 bi para R\$ 134,5 bi), dos quais R\$ 37,2 bi são provenientes dos Recursos do Petróleo.

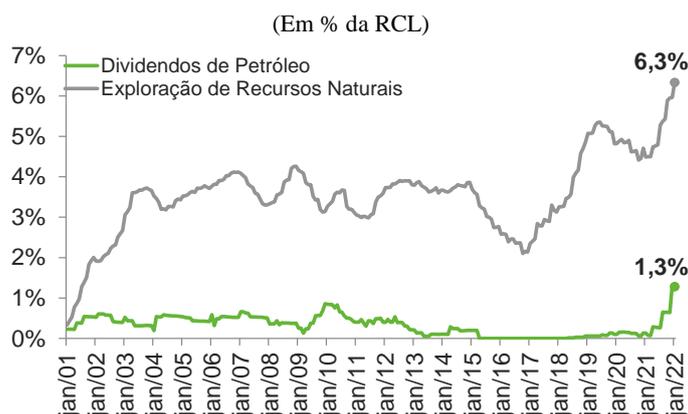
Por fim, vale ressaltar que o impulso fiscal observado até aqui, nada mais é do que o lado bom do “imposto inflacionário” e consequência da própria estrutura do sistema tributário brasileiro, baseado na tributação de bens. O lado ruim é que o controle da inflação pede juros mais elevados, o que penaliza o crescimento. Para mitigar seus efeitos, o governo tem lançado sucessivos pacotes de estímulos a atividade (adiantamento do saque extraordinário do FGTS, antecipação do pagamento do 13º salário para aposentados e pensionistas do INSS, criação de linha de microcrédito para informais, entre outros), bem como realizado sucessivas desonerações fiscais (redução da alíquota tributária do IPI, alteração da forma de cálculo do ICMS sobre os combustíveis, redução a zero das alíquotas de PIS e COFINS e Imposto de Importação sobre o Etano, entre outras.).

### Estoques de Petróleo nos EUA



Fontes: U.S. Energy Information Administration (EIA). \*\*Exclui reservas estratégicas.

### Receita Tributária do Governo Central



Fontes: Tesouro Nacional.

## Conflito na Ucrânia derruba confiança da indústria gaúcha

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS), divulgado mensalmente pela FIERGS, recuou de 58,1 em fevereiro para 55,9 pontos em março. O ICEI/RS, que varia de zero a 100 pontos, manteve-se acima da marca de 50, indicando que, apesar da queda, a indústria gaúcha ainda está confiante. O nível de confiança, porém, é o mais baixo desde março de 2021, quando o setor era atingido pela segunda onda da pandemia de covid-19. Todos os componentes da confiança – condições atuais e expectativas – recuaram em março.

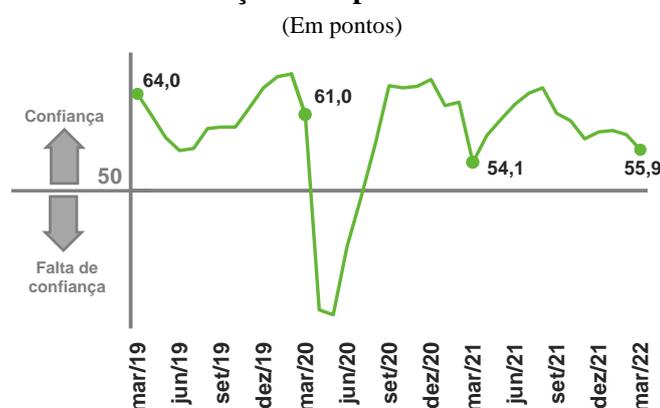
O Índice de Condições Atuais caiu 1,9 ponto, para 50,6 em março, mantendo-se na faixa que indica melhora (acima de 50 pontos), ainda que próximo da neutralidade. A avaliação das condições atuais da economia brasileira mostrou deterioração, com o índice caindo de 51,0 para 49,3 pontos e voltando a sinalizar piora (abaixo de 50 pontos). De fato, o percentual de empresários gaúchos que percebem melhora na economia caiu para 21,3% em março (26,8% em fevereiro) e voltou a ser superado pelo montante de empresários que constata piora: 24,8%. Já o Índice de Condições das Empresas recuou de 53,3 para 51,2 pontos no período, mas a percepção positiva (24,3% das empresas) ainda supera a negativa (19,8%).

O Índice de Expectativas recuou 2,3 pontos entre fevereiro e março, atingindo 58,6 pontos. É o menor nível desde março do ano passado, mas ainda denota otimismo (acima de 50 pontos). O Índice de

Expectativas da Economia Brasileira caiu de 56,8 para 53,9 pontos no mesmo período. Em março, quase um terço dos empresários gaúchos (5,7 p.p. menor que fevereiro) estão otimistas com o futuro da economia nacional, superando os 16,3% (5,7 p.p. maior que fevereiro) que estão pessimistas. Da mesma forma, o Índice de Expectativas sobre o futuro das empresas recuou de 62,9 para 60,9 pontos no período.

A redução da confiança da indústria gaúcha em março foi influenciada pela percepção dos empresários de que o conflito na Ucrânia deve afetar negativamente a economia, impactando os juros e a inflação e aumentando as dificuldades na cadeia de suprimentos e os custos de produção. Nesse sentido, os resultados sugerem uma desaceleração no ritmo de crescimento da atividade industrial nos próximos meses.

### Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS



Fonte: FIERGS.

## Emprego e intenção de investir em alta na indústria gaúcha

Os resultados da Sondagem Industrial do RS de fevereiro de 2022 mostraram redução na produção, alta do emprego, estoques excessivos e expectativas positivas para demanda, emprego e investimentos.

O índice de evolução da produção ficou em 48,5 pontos no mês, abaixo dos 50 pontos que separam crescimento (quando acima) de contração (quando abaixo) ante o mês anterior. Foi a terceira queda seguida na produção e a pior pontuação para fevereiro desde 2016, o que significa o pior desempenho. O resultado foi provocado, em parte, pela terceira onda de Covid-19.

Apesar disso, o setor gerou postos de trabalho em fevereiro – o indicador de evolução do emprego atingiu 52,2 pontos –, alcançando inéditos vinte meses seguidos de alta.

O percentual médio de utilização da capacidade instalada-UCI foi de 72,0% no segundo mês do ano, acima do observado em janeiro (70,0%) e da média histórica do mês (69,7%). Os empresários gaúchos, contudo, consideraram a utilização abaixo do usual para o mês: o indicador de utilização de capacidade usual atingiu 46,4 pontos, abaixo dos 50 pontos. Mas o índice cresceu em relação a janeiro, ou seja, a UCI ficou mais próxima do normal.

Os estoques de produtos finais da indústria gaúcha cresceram em fevereiro e permaneceram, como nos quatro meses anteriores, em níveis excessivos. O índice que mede a evolução do nível de estoques atingiu 52,1 pontos no mês e o que o mede em relação ao planejado pelas empresas foi de 51,5 pontos. Acima de 50, os valores indicam, respectivamente, alta em relação ao mês anterior e acima do planejado.

Quanto aos próximos seis meses, as expectativas dos empresários seguiram positivas em março, sinalizando maior demanda e mais emprego na indústria gaúcha. De fato, todos os indicadores ficaram acima da linha divisória dos 50 pontos, o que indica perspectiva de aumento: demanda (57,4 pontos), compras de matérias-primas (56,9 pontos), emprego (53,8 pontos) e exportações (56,1 pontos).

A Sondagem mostrou, por fim, que a indústria gaúcha pretende investir nos próximos seis meses. O índice de intenção de investir passou de 59,9 em fevereiro para 61,7 pontos em março, atingindo o segundo maior valor da série, abaixo apenas de novembro de 2013 (62,2 pontos) e 11,0 pontos acima da média histórica. Neste índice, quanto maior o valor (de zero a 100) maior a intenção. Em março, sete em cada dez empresas mostravam disposição para investir.

# DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

Últimas previsões atualizadas.

	2018	2019	2020	2021	2022*
<b>Produto Interno Bruto Real (% a.a.)<sup>1</sup></b>					
Agropecuária	1,3	0,4	3,8	-0,2	2,2
Indústria	0,7	-0,7	-3,4	4,5	0,4
Serviços	2,1	1,5	-4,3	4,7	0,6
<b>Total</b>	<b>1,8</b>	<b>1,2</b>	<b>-3,9</b>	<b>4,6</b>	<b>0,6</b>
<b>Produto Interno Bruto Real (Em trilhões correntes)</b>					
Em R\$	7,004	7,389	7,468	8,679	9,347
Em US\$ <sup>4</sup>	1,916	1,873	1,448	1,609	1,782
<b>Inflação (% a.a.)</b>					
IGP-M	7,6	7,3	23,1	17,8	12,3
INPC	3,4	4,5	5,4	10,2	7,0
IPCA	3,7	4,3	4,5	10,1	7,1
<b>Produção Física Industrial (% a.a.)</b>					
Extrativa Mineral	0,0	-9,7	-3,4	1,1	1,2
Transformação	1,1	0,2	-4,6	4,3	1,9
<b>Indústria Total<sup>5</sup></b>	<b>1,0</b>	<b>-1,1</b>	<b>-4,5</b>	<b>3,9</b>	<b>1,5</b>
<b>Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)</b>					
Agropecuária	2,2	13,0	36,6	140,9	25,6
Indústria	23,9	97,2	148,9	719,9	157,8
Indústria de Transformação	1,2	13,2	47,8	439,0	109,7
Construção	11,4	70,7	97,7	244,8	37,3
Extrativa e SIUP <sup>6</sup>	11,2	13,3	3,5	36,2	10,8
Serviços	520,2	533,8	-377,0	1.869,8	430,4
<b>Total</b>	<b>546,4</b>	<b>644,1</b>	<b>-191,5</b>	<b>2.730,6</b>	<b>613,8</b>
<b>Taxa de desemprego (%)</b>					
Fim do ano	11,7	11,1	14,2	11,1	10,5
Média do ano	12,4	12,0	13,8	13,2	11,4
<b>Setor Externo (US\$ bilhões)</b>					
Exportações	231,9	221,1	209,2	280,4	295,9
Importações	185,3	185,9	158,8	219,4	226,4
<b>Balança Comercial</b>	<b>46,6</b>	<b>35,2</b>	<b>50,4</b>	<b>61,0</b>	<b>69,5</b>
<b>Moeda e Juros</b>					
Meta da taxa Selic – Fim do ano (% a.a.)	6,50	4,50	2,00	9,25	12,75
Taxa de Câmbio – Desvalorização (%) <sup>3</sup>	17,1	4,0	28,9	7,4	-0,5
Taxa de Câmbio – Final do período (R\$/US\$)	3,87	4,03	5,20	5,58	5,55
<b>Setor Público (% do PIB)</b>					
Resultado Primário	-1,6	-0,8	-9,4	0,8	-1,0
Juros Nominais	-5,4	-5,0	-4,2	-5,2	-6,5
Resultado Nominal	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-7,5
Dívida Líquida do Setor Público	52,8	54,7	62,5	57,3	62,3
Dívida Bruta do Governo Geral	75,3	74,4	88,6	80,3	83,1

Fontes: IBGE, BCB, FGV, ME, MTP, STN. \* Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. <sup>1</sup> O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. <sup>2</sup> Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. <sup>3</sup> Não considera a Construção Civil e o SIUP. <sup>4</sup> SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. <sup>5</sup> Variação em relação ao final do período anterior.

## Informações sobre as atualizações das projeções:

- Não houve alterações.

# DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL

Últimas previsões atualizadas.

	2018	2019	2020	2021	2022*
<b>Produto Interno Bruto Real (% a.a.)<sup>1</sup></b>					
Agropecuária	-7,1	3,0	-29,5	67,5	-40,0
Indústria	2,8	0,2	-5,6	9,7	-1,4
Serviços	2,6	0,8	-4,6	4,1	0,5
<b>Total</b>	<b>2,0</b>	<b>1,1</b>	<b>-6,8</b>	<b>10,4</b>	<b>-4,0</b>
<b>Produto Interno Bruto Real (Em bilhões correntes)</b>					
Em R\$	457,294	482,464	480,173	582,968	599,384
Em US\$ <sup>2</sup>	125,108	122,282	93,107	108,059	114,249
<b>Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)</b>					
Agropecuária	-1,4	-0,1	0,5	3,4	0,9
Indústria	1,5	-5,5	-0,2	47,5	9,2
Indústria de Transformação	0,9	-1,5	0,1	42,9	7,4
Construção	0,9	-4,0	-0,2	5,2	1,4
Extrativa e SIUP <sup>3</sup>	-0,2	0,0	0,0	-0,7	0,4
Serviços	20,4	26,0	-42,9	89,4	19,0
<b>Total</b>	<b>20,5</b>	<b>20,4</b>	<b>-42,5</b>	<b>140,3</b>	<b>29,2</b>
<b>Taxa de desemprego (%)</b>					
Fim do ano	7,5	7,3	8,6	8,1	7,6
Média do ano	8,2	8,1	9,3	8,7	8,1
<b>Setor Externo (US\$ bilhões)</b>					
Exportações	21,0	17,3	14,1	21,1	22,4
Industriais	15,1	12,5	10,5	14,1	15,1
Importações	11,3	10,3	7,6	11,7	12,8
<b>Balança Comercial</b>	<b>9,8</b>	<b>6,9</b>	<b>6,5</b>	<b>9,4</b>	<b>9,6</b>
<b>Arrecadação de ICMS (R\$ bilhões)</b>					
	<b>34,8</b>	<b>35,7</b>	<b>36,2</b>	<b>45,7</b>	<b>49,5</b>
<b>Indicadores Industriais (% a.a.)</b>					
Faturamento real	2,7	3,0	-3,1	8,7	1,6
Compras industriais	10,0	-2,7	-5,5	31,0	4,2
Utilização da capacidade instalada (em p.p.)	1,6	0,7	-4,6	5,7	0,3
Massa salarial real	-1,3	-0,8	-9,3	4,6	0,4
Emprego	0,9	0,0	-1,9	6,7	1,4
Horas trabalhadas na produção	0,0	-1,0	-5,7	15,1	3,3
<b>Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS</b>	<b>2,6</b>	<b>0,1</b>	<b>-4,8</b>	<b>12,8</b>	<b>1,7</b>
<b>Produção Física Industrial<sup>4</sup> (% a.a.)</b>					
	<b>5,9</b>	<b>2,5</b>	<b>-5,5</b>	<b>8,8</b>	<b>1,0</b>

Fontes: DEE/Seplag-RS, IBGE, BCB, ME, MTP, SEFAZ-RS, UEE/FIERGS. \* Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. <sup>1</sup> O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. <sup>2</sup> Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. <sup>3</sup> SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. <sup>4</sup> Não considera a Construção Civil e o SIUP.

## Informações sobre as atualizações das projeções:

Não houve alterações.